

5 f h] [c g

Certo tipo de mentalidade se compraz em apresentar a Idade Média como tendo sido o paraíso da nobreza e o inferno da plebe. Esta não é senão mais uma das idéias errôneas que costumam propagar os



detratores da Civilização Cristã.

Como já tivemos ocasião de considerar, na realidade os plebeus eram detentores de uma cômoda e folgada situação na sociedade medieval, embora não desfrutassem das honras reservadas aos nobres. Pelo fato de constituírem a classe militar que se imolava pelo bem comum, aos nobres cabiam direitos e privilégios superiores aos dos plebeus. Estes últimos não eram obrigados a derramar seu sangue em defesa da comunidade, e ao invés de lutarem e morrerem nas guerras, contribuía para o benefício público mediante seu trabalho quotidiano, honesto e fecundo.

Essa contribuição plebéia chegou a tal ponto que, na Bélgica medieval, um conjunto de corporações (dir-se-ia hoje “sindicatos”) levantou, na Grande Praça de Bruxelas, magníficos edifícios que nada ficam devendo aos castelos e residências nobres. São construções em que a dignidade do trabalho manual ou comercial é, a justo título, glorificada.

Geminadas de modo muito pitoresco, manifestando a candura risonha e amigável das coisas engendradas pelo espírito católico, destacam-se

%#)

5 f h] [c g

as célebres casas das corporações, cada qual correspondendo a uma associação diferente. Entre outras, as dos arqueiros, dos tapeceiros, dos carpinteiros, e também as dos impressores, padeiros, pintores,



alfaiates, açougueiros, cervejeiros...

Não fosse o risco de cometer uma imperfeição próxima da mentira, eu gostaria de tomar pelo braço um desses rebarbativos detratores da Idade Média, levá-lo diante dessas casas e lhe dizer: “Esta é a praça da nobreza em Bruxelas! Cada um desses edifícios é a residência de uma grande família nobre, vivendo no meio do luxo mais faustoso, contando com terras sem fim e algumas indústrias manufatureiras que lhes propiciam muito dinheiro. Os nobres vivem aí tranqüilamente, sem trabalhar, porque têm quem o faça por eles...”

O meu ilustre e desavisado acompanhante exultaria: “Está vendo? Mas, é isto mesmo!”. E eu então diria: “Não, senhor... Lamento decepcioná-lo. Ali está a casa do padeiro, ali a do carpinteiro, e mais adiante a do cervejeiro... O senhor ignora História, não tem senso crítico e forma uma idéia falsa das coisas. Agora pode espernear à vontade. Não mudará o fato de que estes são lindos, magníficos e simples prédios destinados ao uso de plebeus...”

Para completar a extraordinária lição de harmonia que se aprende nessa Praça, lá está também — em inteira consonância com as

&#)

5 f h] [c g

construções, digamos, populares — o prédio do Paço Municipal, tão grandioso quanto o palácio de um soberano. É um monumento gótico, erguido igualmente por plebeus para administrar seus próprios interesses e os da capital do país. Imponente e majestoso, elegante e delicado, com suas arcarias ogivais dominando-lhe a fachada, suas inúmeras estátuas aconchegadas em nichos ou dispostas em fileiras, e a esbelta torre central que vai se adelgaçando e se requintando em beleza, à medida que se lança para o alto, para as nuvens esparsas na amplidão do céu.

Fazendo pendant com o Paço Municipal, há outra suntuosa construção, a chamada “Casa do Rei”, talvez o ponto monárquico do lugar. Sabe-se que foi edificada no século XVI, sobre os restos do palácio em que se hospedaram grandes personagens civis e eclesiásticos, como o Papa Inocência III e São Bernardo de Claraval. Atualmente está transformada



em museu.

Arquitetada com a riqueza e a pujança de um gótico pré-flamboyant, ela se ergue em ordenação irrepreensível, dando-nos a possibilidade de apreciar toda a beleza de que se reveste.

O primeiro de seus três andares abre-se para o exterior, numa série de

5 f h] [c g

pórticos terminados em ogivas superpostas. As inferiores são mais largas, enquanto as superiores, afiladas, incrustam-se nos peitoris rendilhados sobre os quais se apóiam as arcarias do segundo andar. Assim, aquilo que pareceria algo insonso por estar tão aberto, ao se afinar adquire charme, suavidade e graça.

No andar seguinte, temos outra série de colunetas e arcos que, mais delgados, são um descanso para a vista do observador, em relação aos aspectos do primeiro e do terceiro pisos. Este último acompanha as linhas dos anteriores, mas sem as colunatas, apenas com suas janelas ogivais e o extenso parapeito, primorosamente cinzelado.

Três andares, três ordens ao mesmo tempo muito semelhantes e muito distintas, extremamente harmoniosas, e que terminam em lindas mansardas ornamentais, feitas para ilustrar o topo do palácio. Já as fachadas laterais são arrematadas por dois torreões altos, de pontas esguias e rendilhadas.

E por fim, de alto a baixo, como florão de honra em função do qual tudo está construído, uma torre alta, toda enfeitada e ornada, constituindo o centro do edifício e conferindo a este *unum* e nobreza.

De fato, a glória da “Casa do Rei” se encontra, sobretudo, nessa torre central. Ela é digna, ativa, afável. Ela nos deixa encantados quando a contemplamos de fora; honrados se nos permite transpor seus umbrais; e tranquilos, se nos concede o favor de nos acolher em um de seus aposentos, onde nos há de proporcionar um agradável e reconfortante repouso... (Revista Dr. Plinio, Novembro/2003, n. 68, pp. 31 a 35).

5 f h] [c g



)#